

A REVOLUÇÃO DOS HOMENS

- Resenha -

Por Gláuber Clinton Brito de Sá¹

A obra *Animal Farm* (A Revolução dos Bichos) é um clássico! Escrita por Eric Arthur Blaur, de pseudônimo George Orwell, um dos mais notáveis escritores do século XX, é um livro pequeno, mas de volumosa agudeza. Foi classificado pela revista *Times* como um dos 100 melhores romances anglófonos do século passado e, em lista organizada pela *Modern Library* com o mesmo critério, ocupa o 31º lugar - e o 20º, segundo a avaliação de seus leitores -. Recebeu também, retrospectivamente, o prêmio *Hugo Awards*, dedicado anualmente aos melhores livros desse gênero. O romance, em sentido amplo também uma fábula, retrata satiricamente uma fazenda de animais, fazendo analogia e crítica à Revolução de 1917, à União Soviética e ao Stalinismo.

George Orwell viveu entre 1903 e 1950. Conviveu, nesse período, com as Grandes Guerras, o nascimento do Comunismo Real e do Fascismo e o início da Guerra Fria. Na Índia, onde nasceu e passou períodos de sua vida, pôde ver de forma íntima o Colonialismo e o Imperialismo. Todos esses presentes, direta ou indiretamente, em suas obras, pelas quais é um dos mais reconhecidos escritores britânicos da contemporaneidade. Assim como sua *magnum opus*, *Nineteen Eighty-Four* (1984), é aclamada como uma das obras de língua inglesa mais importantes dos últimos tempos; política, social e linguisticamente. Foi, à sua forma, um entusiasta de ideais socialistas – sendo, inclusive, editor de uma revista de tal inclinação por volta de 1943 e membro do Partido Socialista Independente. Um *militante socialista de convicções democráticas*, segundo sua definição. Na Guerra da Espanha, lutou contra Francisco Franco em uma milícia de tendência trotskista. Orwell, ao contrário de muitos intelectuais *socialistas* de seu tempo, não ignorava as hipocrisias e misérias do Regime Stalinista, em nome da

¹ Graduando do curso de Filosofia da UESB. Email: glauber_clinton@hotmail.com

utopia, de um alegado fim. Muitos, fisgados por *pombos* e *gargantas*, consideravam seus meio necessários, frente ao perigo e à oposição das democracias ocidentais.

Animal Farm satiriza a Revolução Russa com animais figurando setores da sociedade, assim como papéis dentro da revolução e personalidades históricas. A narrativa se passa em uma fazenda cujo proprietário, o Sr. Jones, é um tanto irresponsável e beberrão e, não diferente de qualquer fazendeiro, conduz *seus* animais de forma opressora e cruel. Esses têm suas vidas – e mortes – dedicadas à subsistência e luxo dos homens, enquanto vivem miseravelmente. A Granja Solar (*Manor Farm*), em especial, ainda vivia sua decadência – assim como seu proprietário -. É evidente a semelhança com as sociedades da virada do século passado - especialmente a pouco industrializada Rússia - e suas divisões entre operários e burgueses de que o nosso Major, Karl Marx, foi o principal teórico. A linguagem é infantil, mas suas provocações são cativantes a qualquer leitor. E suas reflexões são cunhadas com simplicidade, de forma que os infantes também sejam capazes de captá-las. Tal é a grandeza de sua perspicácia e sensibilidade: conseguir unir o ingênuo a reflexões políticas sem maior prejuízo a um ou outro.

O primeiro acontecimento do livro é o discurso do Velho Major (*Old Major*), uma espécie de porco ancião ao qual todos dedicam grande respeito. Ele tivera um sonho e desejava contá-lo a seus *camaradas*. Reunidos todos no celeiro, começa o senil varrão, em seu monólogo falando de suas *miseráveis, trabalhosas e curtas* vidas. Invoca a indignidade de tal escravidão e seu caráter ilegítimo. Com palavras impetuosas declara:

Será isso apenas a ordem natural das coisas? Será essa nossa terra tão pobre que não ofereça condições de vida decente aos seus habitantes? Não, camaradas, mil vezes não! O solo é fértil, o clima é bom, ela pode oferecer alimentos em abundância a um número de animais muitíssimo maior que o existente. Porque então permanecemos nessa miséria? Porque quase todo o produto de nosso esforço nos é roubado pelos seres humanos. Eis aí, camaradas, a resposta de todos os nossos problemas. O homem é nosso verdadeiro e único inimigo. Retire-se da cena o homem, e a causa principal da fome e da sobrecarga de trabalho desaparecerá para sempre (ORWELL, 2000 [1945], p.6).

As utopias evidenciam sua fuga da realidade quando anunciam um problema único e pontual que, superado, todas as mazelas seriam resolvidas. Uma chave para o paraíso. É claro que o homem, “que nada produz e mesmo assim é o senhor de todos os

animais” é o maior problema para esses, como eram os monarcas para os Russos, mas esse aspecto simplificador não os preveniu dos velhos problemas que surgiriam no novo modelo. Ao insuflar grandes esperanças, o futuro aparece como superação e recompensa de todo sofrimento que no agora se faz presente. George Orwell pôde ver isso, diferente de intelectuais de seu tempo e de anos subsequentes que ignoravam as contradições e misérias do regime stalinista, em nome da utopia, do fim. Sob o aspecto revolucionário e aspirador de melhores condições, sustenta-se frágeis bases que não poderão levar a cabo a realização dos desejos últimos – ao menos o desejo declarado. O ímpeto à mudança, legítimo, acaba irradiado, levando a um caminho circular de retrocesso ou com destinos piores que aquele da partida. “Todos os homens são inimigos, todos os animais camaradas”. Esse ingênuo papel será melhor evidenciado por um personagem de que falaremos à frente. Problema similar é confundir os princípios do bem com os princípios da utopia. Chega-se um momento em que não mais se fala em nome do melhor, mas do que está segundo tal ou qual pensamento – no caso do livro, o Animalismo; na Rússia, o Comunismo. Uma falácia evasiva, mas com importante efeito psicológico nos doutrinados.

Segue-se que, frente à incitação do Major e a situação do Sr. Jones, que outrora fora duro, porém eficiente, mas já não passava de um estouvado e alcoólatra, a revolução não se dá com dificuldades nem demora. Após a tomada do poder, e a imediata euforia, aqueles dotados de maior liderança e intelecto não tardam a tomar as rédeas e ditar as regras. Napoleão (*Napoleon*) – um dos líderes e aquele de curvo caráter - e outros porcos usam dessa posição para angariar vantagens e destruir sua rivalidade: Bola-de-Neve (*Snowball*), o porco de maior agudeza de espírito, que junto ao primeiro liderara a Revolução e, a essa altura, o novo Governo.

Não dificilmente, pode-se perceber na estória a relação com a Revolução Russa de 17 e a URSS. Assim como na pessoa do Velho Major, a combinação de elementos do teórico social Marx e o idealista Lênin é evidente. Há um montante de analogias que assim atestam. Mas Orwell não retrata só o Stalinismo e sim muito da natureza humana. Podemos estender esse paralelo a dezenas de exemplos que tivemos nos governos e revoluções ao longo da história. Reduzir tal obra a uma única situação seria empobrecê-la. A despeito de ter sido amplamente usada pela propaganda anticomunista, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, a crítica abarca, em sentido amplo, também o

imperialismo de tais *democracias* ocidentais, além, é claro, do nazi-fascismo. Podemos dar, portanto, destaque maior aos voos livres que o escritor alça que às similitudes mais óbvias e diretas de que ele se serviu. Bola de Neve (*Snowball*), por exemplo, mais que Trotsky, um dos líderes e cabeças pensantes da Revolução de Outubro, representa, mais adequadamente, os tantos inimigos externos que eram demonizados pela propaganda, tanto soviéticos, como em outros regimes fechados e nas próprias *democracias*. Para o outro, o um sempre era algo terrível de que os bons comandantes estavam livrando seu povo. Uma forma de terrorismo, para frear a animosidade dos indivíduos às situações penosas que viviam, sob o constante pretexto de que, fora do modelo, existem perigos muito maiores. Aliado ao “antes era muito pior”, é quase invencível! Garganta (*Squealer*) tem sua melhor caricatura no Ministro da Propaganda do Reich nazista, Joseph Goebbels. Mas não por isso deixa de encontrar identidade em todos os governos, assim como em outros tantos âmbitos. Napoleão, nome que o empresta imponência, tem suas paridades óbvias com Josef Stálin e Napoleão Bonaparte, mas, além disso, é difícil um ente com grande poder que não guarde suas similitudes com ele, que reúne tantas facetas (ídolo cultuado, ditador hipócrita, sedento por poder, manuseador, explorador, contraditório, leviano, volúvel) que, de forma extensa, podemos fazer paralelos com perfis tão diversos. No contexto histórico do livro, por exemplo, há fortes relações desde Hitler e Mussolini, até Churchill e Franklin Roosevelt; no Brasil, Getúlio Vargas é o mais icônico. De forma mais estrita podemos fazer um paralelo muito mais fiel com figuras como Robespierre, Kim Il-Sung, Mao, Pol Pot... Além do próprio Stálin.

Sansão (Boxer), um cavalo enorme e de grande força muscular, é uma figura de grande importância, tanto dentro da trama como o papel que exerce enquanto sátira: Os trabalhadores, *proletários*, operários, que dedicam sua força braçal, de maneira obstinada e cega e que, ingenuamente, creditam e acreditam na boa vontade de seus senhores, formando parte determinante da massa alienada. São bem intencionados, e, por isso, descartáveis quando já não possuem sua força de trabalho. Comumente associam-no a Alexei Stakhanov que deu início a um movimento chamado Stakhanovismo, ao extrair, segundo a propaganda soviética, cento e duas toneladas de carvão em cinco horas e quarenta e cinco de trabalho. Benjamin, o mais velho animal da granja, exerce papel intrigante. Misterioso, desperta um fascínio. Seu pessimismo beira a sapiência, mas também ao conformismo. A *vaidosa e fútil* égua Mimosa (*Mollie*), que

gostava de enfeitar-se de fitas e deliciar-se com torrões de açúcar, *distintivos da escravidão*. Representa não só os desejos e aspirações supérfluos, mas ainda mais a contradição dos que, alegando uma sociedade livre, quer proibi-los. Os pombos é um papel similar, porém inferior, ao de Garganta. Fazem parte da propaganda, mas exercem, além do papel de manipuladores, o de manipulados: mídias, agentes, entusiastas, devotos etc. que passam a *boa nova*, fazendo, junto àqueles, oposição ao terrorismo da propaganda opositora.

Os cachorros (*The puppies*), para além da KGB, é indissolúvel dos exércitos e polícias, nesse caso de regimes fechados. Sem autonomia intelectual, são usados como braços desses que a seu povo – incluso tal – oprimem. Sob o mote de ordem, têm o monopólio da violência, manipulada pelo Governo, os porcos! É uma parte do povo que executa a opressão em prejuízo aos seus iguais. Como um capitão do mato, que aos seus pares caça em favor de um Governo que a ele reservou uma posição de *menor exploração*. A representação dos governantes como porcos é de arguta controvérsia. À primeira leitura, serem os porcos os mais *inteligentes* causa estranheza. Em uma figura que, na imaginação popular, representa características muito mais negativas que positivas, Orwell principia colocando-os em alta posição. Mas é exatamente esse, ao que parece, o objetivo do autor. Mostrar que, de fato, entendimento não se confunde com virtude. Ao contrário, dá potência ao homem, poder corrosivo, que o convence de sua superioridade.

A obra pode ser interpretada ideologicamente, neste sentido, de duas formas, segundo o caráter de Napoleão: o regime não ser ruim, mas sim o seu líder. O que denotaria uma possível influência trotskista, que a história do autor parece testemunhar; ou o regime ser daninho justamente por estar à deriva do caráter de seu líder, o que parece mais adequado. Caráter esse que é (ou pelo menos, “é, ainda mais”) corroído pela própria posição.

O Moinho de Vento, como metas e objetivos para exploração mediante promessa de recompensa futura; os hábitos humanos, que os porcos, por aspirarem igual potência, passam a imitar; os luxos que querem, apesar de o contrário exaltar e impor aos seus *pares*; os censos e dados estatísticos manipulados, tão familiares em pesquisas eleitorais, desempenhos econômicos etc.; os expurgos, também realizados por Stálin, assim como os nazistas, Mao etc; os mandamentos doutrinários, deturpados e

desconsiderados pelos que os impõe; o fim a que deram a Sansão e Bola-de-Neve, ou seja, o descarte sem escrúpulos de patrícios quando conveniente. Ou seja, nenhuma obra pode ser mais bem classificada por *baseada em fatos reais* que A Revolução dos Bichos.

Obra resenhada e citada:

ORWELL, G., *A Revolução dos Bichos*, São Paulo: Ridendo Castro de Moraes, 2000.